



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 13**

Memórias e História da Agroecologia



## **A experiência do Entrudo: manifestação cultural e memórias em Irará - BA**

Simone dos Santos<sup>1</sup>, Ana Paula da Silva, Ediane Cerqueira Torquato,  
Jadson Cerqueira Moreira, Maiara Souza de Jesus, Maria Lucia Ferreira  
de Jesus, Marilha de Jesus Santos, Ubirajara Moura Batista

<sup>1</sup>simone@cedit.org.br

**Tema Gerador:** Memórias e História da Agroecologia

### **Apresentação**

Esse relato de experiência popular refere-se à prática do Entrudo, manifestação cultural popular que ocorre em Boca de Várzea comunidade de Irará, município localizado no semiárido baiano. Esta manifestação da cultura local é realizada a mais de 35 anos e foi iniciada por moradores e lideranças da comunidade. Atualmente o Entrudo é organizado por lideranças locais e seus familiares.

As autoras e autores dessa produção são agricultoras e agricultores, estudantes do terceiro ano da Escola Família Agrícola dos Municípios Integrados da Região de Irará (EFAMI), estudantes da Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias - do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CFP/UFRB), bolsistas do programa PIBID Diversidade, fundadoras e responsáveis pela organização do Entrudo.

### **Contextualização**

O relato de experiência popular trata especificamente do Entrudo de Boca de Várzea, uma manifestação cultural tipicamente rural que conta com a participação dos moradores camponeses desta comunidade, envolvendo também comunidades circunvizinhas como a Sucupira, Mombaça, Palmas, Lagoa da Madalena e pessoas da cidade de Irará – BA.

A palavra entrudo vem do latim (entrouit) que significa entrar, ou seja, entrada da quaresma. Originou-se na Península Ibérica, inspirado nas Bacanais e Saturnais greco-romanas e firmou-se no início da oficialização do carnaval cristão, após 590 d.C. Aprofundou suas raízes em Portugal e durou por 10 a 12 séculos, tendo seu apogeu entre 1200 e 1300 (CAMARGO e BARBOSA, 2012, p.23).



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**



O Entrudo chegou ao Brasil trazido pelos portugueses em meados do século XVIII. Tinha como características as brincadeiras e o jogo, as pessoas usavam máscaras, e jogavam umas nas outras, sacos cheios de pó de várias cores, água de cheiro, etc. embora este festejo tenha chegado no Brasil no século XVIII, o mesmo já estava consolidado na Europa, de onde se identifica a sua existência desde o século VI.

O Entrudo se tornou popular e passou a ser considerada uma manifestação característica aproximada do carnaval brasileiro, no entanto, a aristocracia começou a se incomodar com tal popularidade, e isso fez surgir uma visão marginalizada desses festejos. A origem popular dessa manifestação cultural gerou uma visão marginalizada por parte da aristocracia. O Entrudo de rua passou a ser representado como uma festa suja e violenta, provocando uma divisão de grupos sociais no espaço da festa. Aquelas pessoas que pertenciam às classes abastadas passaram a realizar seus festejos em casas de famílias e em clubes, enquanto que as pessoas da classe considerada subalterna festejavam nas ruas. No início do século XIX o Entrudo então passou a ser considerado o carnaval das classes consideradas inferiores e a partir dessa divisão passou também a ser considerado de caráter marginal. A partir da constituição dessa imagem marginalizada a manifestação cultural teve seus dias contados, pois foi proibido pelas autoridades de ser realizado pelos foliões, sob pena de serem presos por desobediência à ordem pública ou até mesmo por criar motim.

### **Desenvolvimento da experiência**

O Entrudo da Boca de Várzea resiste como manifestação cultural que acontece no último domingo da quaresma. As pessoas se reúnem na casa das lideranças comunitárias da Mombaça e saem em cortejo dançando ao som de marchinhas tocadas pela charanga da cidade de Irará, fazendo um percurso que passa pela comunidade da Lagoa da Madalena, Sucupira, findando o percurso em Boca de Várzea. A multidão é formada por pessoas de todas as idades, crianças, jovens, adultos e velhos. Alguns dos participantes se caracterizam com roupas velhas e máscaras de monstros e saem pelos caminhos entrando em casas tentando assustar a pessoas que ficam olhando o festejo passar. Já outros caracterizam-se vestidos com roupas velhas e o rosto melado de talco. Também é tradição jogar talco nos participantes e em curiosos que saem de suas casas para ver o cortejo. A caminhada é bem divertida, marcada por brincadeiras e muita dança principalmente do público feminino, também é tradição parar em alguns bares que ficam no percurso e quando passa em frente a uma capela ou Igreja católica o cortejo e a charanga cantam algumas músicas voltadas aos festejos da Igreja.



**Figura 1:** Início do Cortejo (Domingo dia 16/04/2017)

Fonte: Acervo pessoal dos autores.

O cortejo finaliza a caminhada na casa de seus organizadores e colaboradores na comunidade de Boca da Várzea. A marca do encerramento é a alegria de seus participantes. Nesse momento a charanga faz sua exibição final e encerra sua participação na manifestação cultural.



**Figura 2 -** Cortejo passando na comunidade da Sucupira

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



O Entrudo tornou-se ao longo de sua história uma Fonte de memória da comunidade, especialmente por sua forte raiz campesina e a resistência de moradores que observam a manifestação como um espaço importante de partilha e afirmação característica do local. O Senhor Gilvan<sup>1</sup>, que hoje é um dos responsáveis pela organização do festejo, conta que o Entrudo sofreu algumas alterações ao decorrer do tempo. Primeiro eles saíam melados de carvão, lama, etc. e alguns tocadores acompanhavam batendo pandeiro. Com o passar do tempo, as pessoas começaram a usar máscaras e talco no lugar do carvão e da lama. No caso dele, ainda prefere se caracterizar usando roupas velhas e se melar de talco. Ele conta também que outras mudanças ocorreram, a exemplo da troca dos pandeiristas, pela charanga da cidade e do dia de domingo que era o último que antecede a quaresma, para o primeiro domingo depois da “Semana Santa” festejada pelos cristãos.

Nessa perspectiva o fato de realizar e principalmente de participar do Entrudo, extrapola o evento festivo que acontece anualmente, pois segundo seus organizadores, *a ação entrudar representa características particulares de uma comunidade, seus costumes, suas histórias, seu jeito de ser, de lidar com o outro, com a natureza e muito mais.* Entrudar não é apenas festejar, é estar entrudando.



**Figura 3** – Entrevista com fundadores / organizadores do Entrudo

**Fonte:** Acervo pessoal dos autores.

<sup>1</sup> Nome fictício de uma das lideranças comunitárias que organizam o Entrudo atualmente.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**



## Desafios

O Entrudo de Boca de Várzea é uma manifestação da cultura popular, resultante da ação de pessoas de origem camponesa, que mantem viva uma tradição milenar, de maneira particular o Entrudo conta a história desses camponeses que se reúnem uma vez por ano para festejar, mais não só para isso, pois essa ação garante a permanência de uma tradição que conta muito do modo ser e de viver dessas pessoas.

Assim, em diálogo com o Entrudo, consideramos que fortalecer a memória local é vital para pensar a Agroecologia. Em especial a resistência e resiliência de modos de vida que afirmem a identidade camponesa e a reprodução das relações sociais e culturais comunitárias.

Neste sentido, o maior desafio a ser enfrentado é estimular as novas gerações da comunidade da Mombaça, Lagoa da Madalena, Sucupira e Boca de Várzea a viverem princípios de resiliência e luta para manter viva essa tradição que vem resistindo ao tempo e que precisa continuar viva, pois sua permanência é uma forma de garantir e de contar uma parte da história dessas comunidades do povo de Irará.

## Principais Resultados alcançados

Essa maneira particular de festejar o Entrudo, com suas características originárias do local e com as mudanças que dão ao festejo uma nova roupagem, representa muito mais do que fazer um momento festivo, ou seja, fazer o Entrudo. Neste sentido é possível dizer que o Entrudo expressa com intensidade o modo de vida do povo camponês de Boca de várzea e seu entorno.

## Disseminação da experiência

Participar dessa experiência nos trouxe inquietações no sentido de aprofundar os estudos sobre princípios da Agroecologia e sua relação com manifestações culturais, pois, tal vivência tem nos apresentado outros olhares sobre nosso local e a necessidade de fortalecer a identidade camponesa, e dessa forma estimular atitudes de resiliência. Assim, vem sendo reconstruído no pensamento a ideia de que a cultura popular está implícita no cotidiano das pessoas que formam a comunidade, nas relações entre as pessoas, seus costumes, suas manias, o modo de falar, de vestir, de cuidar da natureza, em especial a sua condição de produção.

**Com isso**, observa-se que o Entrudo realizado pela comunidade de Boca de Várzea é a prova viva da manutenção de uma tradição que chegou em nossas terras trazida pelos portugueses e se reconFigura socialmente. Uma cultura que resistiu ao tempo



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**



e que permanece no ideário e na prática dessa comunidade que apresenta essa forma de manifestação da cultura popular com uma nova roupagem inculcando em sua essência as características da comunidade, do povo de Boca de Várzea e vizinhança.

## Referências

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. BARBOSA, Fátima Marita. O carnaval ancestral como contraponto do cotidiano e sua banalização nas sociedades modernas. Iara – **Revista de Moda, Cultura e Arte** - São Paulo – Volume 5 | Número 2 / 2012.

COSGROVE, Denis. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. In.: CORREIA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SILVA, Gustavo Madeiro da. **Carnaval, Mercado e Diferenciação Social**. Recife. 2004. Disponível em > [www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20040712144051.pd](http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20040712144051.pd) > acesso em 01 de abril de 2017.